



**Getúlio Martins**

*No trem  
da Paulista*

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2020*

# *A partida*

Depois dos setenta anos, da sala para a cozinha você esquece o que foi buscar. No entanto, sessenta anos depois lembro perfeitamente a noite que antecedeu a minha partida para o seminário. Antes de completar doze anos tomara a decisão mais importante da minha vida: ia ser Irmão Lassalista.

Naquela noite, tive febre, suei de molhar o cobertor, sonhei coisas que não sei descrever. Tudo misturado: ansiedade, alegria e aflição. Meu irmão mais velho, que dormia no mesmo quarto, percebeu minha agitação. Perguntou se estava com algum problema. Eu disse que ainda não sabia se era problema (a minha decisão).

Estava tudo arrumado na mala de couro comprada para aquela viagem. Havia pouca coisa, mas bem organizado: calça, cueca, meias, camisa e pijama com o meu nome bordado, para não perder no seminário. Tudo passado, dobrado e perfumado com “Alma de Flores”, talco que minha mãe usava discretamente e, naquela ocasião, percebi que era uma maneira contida de manifestar a felicidade pelo filho que ia para o seminário.

Nas escolas lassalistas, umas duas vezes por ano, passava o recrutador que falava da vocação religiosa, mostrava fotos do seminário, que ele chamava de Juvenato, e conversava com os alunos, principalmente aqueles que já vinham sendo monitorados de forma cautelosa pelos professores.

Demonstrei interesse, e o Irmão Leão marcou para ir conversar na minha casa. Nunca fiquei sabendo o valor da transação acertada, se meu pai ia pagar ou receber pela mercadoria que entregava. Combinado o dia da partida, eu riscava na folhinha os dias. Chegou o dia e à noite aconteceu o que acabei de narrar.

Antes de descer na rodoviária de São Paulo, o seu Eurico Galvão, que tomava conta da turminha, meio nervoso e bastante agitado, mandou que o dinheiro fosse espalhado por todos os bolsos e os pertences fossem colocados na frente do corpo, porque ali muitos malandros ficavam espreitando os caipiras do interior para aproveitar os vacilos. Colocamos as poucas notas nas meias e nos bolsos. O Zé Gui, filho mais velho do seu Eurico, e o Balieiro eram os maiores. Vieram passar o natal de 1960 com os familiares em Aparecida. O Meio Quilo e eu estávamos para completar doze anos, e era a primeira vez que viajávamos para tão longe. Em Adamantina, a 600 km de São Paulo, íamos fazer parte da família La Salle de educadores religiosos criada pelo padre francês João Batista de La Salle, em 1679.

A mala de couro eu carregava nos ombros correndo atrás do seu Eurico entre a rodoviária e a Estação da Luz, onde nos esperava o trem da Paulista.

# O abraço

No trem da Companhia Paulista de Estrada de Ferro, um dos destaques era o restaurante com mesas de toalhas brancas, talheres, guardanapos e muitos copos. Na lanchonete, chocolates, bolachas e chicletes eram colocados, assim bem na altura das mãos, para a criança pegar e o pai pagar. Não pegamos chocolate e nem almoçamos no restaurante. Seu Eurico levava na mochila pão de forma que, apesar de amassado e despedaçado, comemos com mortadela cortada bem fininha que compramos na rodoviária.

Do restaurante, ainda me lembro do cheiro. Do trem, aproveitávamos os corredores dos vagões que eram interligados para brincar e correr, até levar bronca do fiscal que usava roupa parecida com a dos garçons.

A Cia. Paulista foi conhecida pela qualidade dos seus serviços e pontualidade. Dizia-se que ao longo da ferrovia os relógios das igrejas eram acertados pela passagem do trem. A Cia. começou a operar em 1872, principalmente, para escoamento do café produzido no oeste paulista. Para fabricar os dormentes de madeira que sustentam os trilhos, a Cia. Paulista trouxe da Austrália o eucalipto que, atualmente, é motivo de muita

polêmica no setor ambiental, porque ocupa grandes áreas, reduzindo a biodiversidade. Em compensação, o eucalipto é utilizado na construção civil e para a fabricação de móveis, substituindo as espécies nativas.

A ferrovia foi lucrativa, inclusive no transporte de passageiros, até meados da década de 1950, no Brasil. Para o transporte de passageiros ser viável, por ferrovias, é preciso alta densidade populacional no percurso, como ocorre na Europa, China e Índia, não é o caso do Brasil. Além disso, por aqui é mais econômico usar as ferrovias para fazer o transporte de cargas entre grandes distâncias.

Outro motivo da decadência das ferrovias no transporte de passageiros é que a construção de ferrovias é mais cara do que a de rodovias. Chegam a cerca de oito milhões de reais por quilômetro de ferrovia para dois milhões na construção de rodovia.

Era mais viável fazer nossa viagem de trem, pelo conforto que ele oferece e pelo preço, que é pouca coisa mais barata que o ônibus, apesar das doze horas de viagem<sup>1</sup>.

No final das doze horas no trem, cansado, com fome e caindo de sono, arrepiei-me ao sentir o braço do Irmão Benildo nos meus ombros. Abraço forte igual àquele que nunca recebi do meu pai.

— Estamos chegando. A sua família agora é bem grande. Os Irmãos serão seus pais e seus colegas serão seus irmãos. Estou muito orgulhoso de você — ele cochichou no meu ouvido.

Ainda criança, não era capaz de entender o significado da minha decisão.

---

1. De ônibus a viagem demora seis horas.

## *No seminário*

Chegamos à noite. Pisando na ponta dos pés para não fazer barulho, entramos pelos corredores entre as camas alinhadas onde dormiam nossos irmãos. Deveriam estar muito cansados, uns ressonando e outros roncando alto. Não vi nenhum acordado. Da mala de couro tirei o pijama listrado com meu nome bordado. Deu uma saudade danada da minha mãe. Fiquei meio apavorado e confuso da decisão que tinha tomado.

Nesse dormitório, à noite, não podia conversar, nem com o colega da cama ao lado. À tarde, na hora do banho, na volta do futebol ou dos passeios era liberado a brincadeira, a gozação e a gente dava muita risada.

No seminário, a água era quente e o banho se tomava de portas fechadas, cada um no seu chuveiro. Anos mais tarde, quando joguei futebol e servi no exército, o banho, eu tomava junto aos meus colegas, todos pelados de baixo da água fria, curtindo sucessos e fracassos no jogo e com as mulheres, combinando as baladas. Enfim, organizando a vida.

Era frequente o rodízio dos ocupantes das camas, de maneira que todo mês os vizinhos eram diferentes. Isso para evitar a

formação de panelinhas, o que era uma preocupação constante na vida do seminário. No dormitório, na maioria das vezes, se consolidavam os laços de amizade, uma vez que, apesar de proibido, no escuro, com o colega do lado era inevitável o cochicho sobre a saudade da casa, dos irmãos, das namoradinhas, da vida lá fora.

Na rotina do seminário, cada um recebia uma atribuição depois da missa das seis da manhã e do café. Cada semana uma tarefa individual diferente. Era rotativo. Então, todos faziam de tudo: varrer e lavar as escadas, limpar os banheiros e as vidraças, encerar os imensos corredores, fazer faxina nos quartos do padre capelão e dos Irmãos, tirar poeira das janelas, cortar a grama dos jardins, trocar as lâmpadas queimadas, ajudar o Irmão José na horta do seminário, etc.

A faxina no quarto do capelão era uma das tarefas mais disputadas. O motivo, que até pode parecer banal, eram as sobras das refeições que ele tomava lá. Como adolescente está sempre com fome, bolachas, queijo mineiro, mamão e outras frutas quebravam o galho até a hora do almoço. A água fresca da moringa dele bebia-se com muito respeito, como se fosse água benta.

Nosso cotidiano incluía oração, estudos espirituais e profanos, trabalho e esportes, de acordo com as regras redigidas por João Batista de La Salle.

As primeiras regras para organizar a vida nos mosteiros foram escritas por Bento de Núrsia (480-547). Conhecidas como “Regras de São Bento”<sup>2</sup>, em 74 capítulos, elas ressaltam a

---

2. Disponível em <http://beneditinos.org.br/2012/02/regra-de-sao-bento/#40> [24/01/2020]



importância do silêncio, da oração, do trabalho, da humildade, da medida da comida e da bebida, etc.

Como as regras dos lassalistas foram redigidas mais de mil anos depois das dos beneditinos<sup>3</sup>, alguns capítulos foram adaptados para a época. Porém, nos anos que passei no seminário, a regra que mais marcou a formação do meu caráter e que pratiquei todos os dias, foi uma que São Bento cita duas vezes<sup>4</sup>: “não murmurar”, que eu entendi como “não reclamar”.

---

3. São João Batista de La Salle terminou de redigir as regras da congregação em 1698, enquanto que as de São Bento foram escritas em 540, aproximadamente.

4. Capítulos 4 e 40 das “Regras de São Bento”.

# LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Dante MT Std  
pela Editora Penalux e impresso em papel  
off-white 80 g/m<sup>2</sup>, em julho de 2020.

---